

# **ESTÁGIO NA HMR – HEALTH MARKET RESEARCH**



**Cláudia Vanessa Murteira da Luz Mateus**

---

**Relatório de Estágio de Mestrado em Consultoria e Revisão Linguística**

**MARÇO DE 2013**



Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Consultoria e Revisão Linguística realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Céu Caetano e da Professora Doutora Teresa Brocardo.

## **AGRADECIMENTOS**

A realização do presente Relatório de Estágio contou com o apoio e a orientação de algumas pessoas, sem as quais este projeto não seria possível. Uma enorme gratidão:

Às minhas professoras orientadoras, Maria do Céu Caetano e Teresa Brocardo, pelo interesse, pela disponibilidade e dedicação incondicional com que me acompanharam neste Relatório de Estágio;

Ao Dr. Carlos Mocho, pela sua disponibilidade e pelo profissionalismo com que conduziu o meu Estágio na HMR. Agradeço também a disponibilidade e a atenção por parte do Dr. João Ribeiro e dos colaboradores da HMR e do CEDIME com quem contactei;

Ao corpo docente do Mestrado em Consultoria e Revisão Linguística, pelos conhecimentos teóricos e práticos que me transmitiram;

Ao meu pai, à minha mãe e ao meu irmão, pela confiança, pelo apoio e sobretudo por acreditarem em mim todos os dias.

## **RESUMO**

### **RELATÓRIO DE ESTÁGIO NA HMR – HEALTH MARKET RESEARCH**

**Cláudia Vanessa Murteira da Luz Mateus**

O presente relatório foi elaborado no âmbito do estágio curricular que realizei na empresa HMR – Health Market Research entre 1 de outubro de 2012 e 28 de fevereiro de 2013. Um dos principais objetivos deste relatório é o de dar conta da análise e revisão linguísticas de um conjunto de textos que realizei durante o estágio, fundamentada nos instrumentos de normalização e divulgação linguística. O relatório está organizado em quatro capítulos, em função das áreas em que se desenvolveu a minha intervenção: I – Ortografia; II – Pontuação; III – Sintaxe; IV – Redundâncias e Outros Problemas.

**Palavras-Chave:** Análise Linguística, Norma, Ortografia, Pontuação, Sintaxe e Texto.

## **ABSTRACT**

### **REPORT OF INTERSHIP AT HMR – HEALTH MARKET RESEARCH**

**Cláudia Vanessa Murteira da Luz Mateus**

This report was elaborated following the curricular internship that I carried out on the company HMR – Health Market Research between 1 October 2012 and 28 February 2013. One of its main objectives is to give account of linguistic analysis of the texts I reviewed, based on linguistic normalization instruments. It's organized in four chapters, in function of the areas in which I developed my intervention: I – Orthography; II – Punctuation; III – Syntax; IV– Redundancies and Other Problems.

**Keywords:** Linguistic Analysis, Norm, Orthography, Punctuation, Syntax, Text.

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>1. Apresentação da entidade</b> .....	1
<b>2. O estágio</b> .....	1
<b>3. Organização dos textos revistos</b> .....	2
<b>4. Objetivos e metodologias de análise textual do <i>corpus</i></b> .....	3
<b>I - ORTOGRAFIA</b> .....	4
<b>1. ACENTUAÇÃO</b> .....	4
<b>2. USO DO HÍFEN (-)</b> .....	5
<b>2.1 Em palavras compostas e prefixadas</b> .....	5
<b>2.2 Em estrangeirismos</b> .....	5
<b>3. USO DE ITÁLICO EM ESTRANGEIRISMOS</b> .....	5
<b>4. USO DA BARRA (/)</b> .....	6
<b>5. ERROS TIPOGRÁFICOS</b> .....	6
<b>II - PONTUAÇÃO</b> .....	8
<b>1. VÍRGULA (,)</b> .....	9
<b>1.1 Casos de emprego da <i>vírgula</i> por excesso</b> .....	9
<b>1.2 Casos de emprego da <i>vírgula</i> por defeito</b> .....	10
<b>2. PONTO (.)</b> .....	12
<b>3. PONTO E VÍRGULA (;)</b> .....	12
<b>4. TRAVESSÃO (-)</b> .....	13
<b>III - SINTAXE</b> .....	14
<b>1. CONCORDÂNCIA</b> .....	14
<b>1.1 Entre o sujeito e o verbo</b> .....	14
<b>1.2 Entre o nome e o adjetivo</b> .....	15

<b>2. ORDEM DE PALAVRAS</b> .....	16
<b>3. REGÊNCIA</b> .....	17
<b>3.1 Com o verbo <i>informar</i></b> .....	17
<b>3.2 Com <i>menção</i> – derivado de <i>mencionar</i></b> .....	18
<b>3.3 Com o verbo <i>relacionar</i></b> .....	18
<b>3.4 Em frases relativas</b> .....	19
<b>3.5 Em estruturas coordenadas</b> .....	19
<b>4. CONTRAÇÕES</b> .....	20
<b>IV - REDUNDÂNCIAS E OUTROS PROBLEMAS</b> .....	22
<b>CONCLUSÃO</b> .....	26
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	28

# **INTRODUÇÃO**

## **1. Apresentação da entidade**

A empresa HMR – Health Market Research foi fundada em 2009. Dedicar-se à consultoria e elaboração de estudos de mercado (quantitativos e qualitativos) na área da saúde – nomeadamente estudos relacionados com a indústria e o comércio de especialidades farmacêuticas, parafarmacêuticas, dermocosméticas e veterinárias – e à prestação de serviços e ações de formação no âmbito desses estudos. A empresa dedica-se ainda ao desenvolvimento e à comercialização de programas informáticos, com as inerentes atividades de formação e assistência técnica aos seus clientes.

A HMR está inserida no Grupo ANF – Associação Nacional das Farmácias, entidade na qual se insere também o CEDIME – Centro de Documentação e Informação de Medicamentos. A ANF presta suporte técnico e científico à atividade nas áreas do medicamento e da saúde através do CEDIME, desde 1985, respondendo diariamente às questões colocadas pelos farmacêuticos.

## **2. O estágio**

O estágio decorreu entre 1 de outubro de 2012 e 28 de fevereiro de 2013, com a duração total de 400 horas, como previsto no regulamento do Mestrado. O estágio foi orientado pelo Dr. Carlos Mocho, Diretor Geral da HMR, de acordo com o plano de atividades propostas.

Tendo como principal objetivo proporcionar-me uma visão mais alargada da HMR dentro do Grupo ANF, o meu estágio não se limitou ao universo da HMR, a minha colaboração estendeu-se à revisão linguística de textos do CEDIME. Esta experiência foi muito importante para o meu trabalho de estágio na HMR, uma vez que este contacto com o Grupo me permitiu desenvolver uma atitude mais pró-ativa perante as atividades propostas.

Depois de ter sido acolhida, recebi um acompanhamento constante, por parte do meu orientador de estágio e dos membros da equipa da HMR com quem contactei, dos Recursos Humanos da ANF e dos colaboradores do CEDIME. Todos contribuíram para que o meu estágio se realizasse com êxito e para que tivesse oportunidade de desenvolver um trabalho de Consultoria e Revisão Linguística que constituísse uma mais-valia para o meu futuro profissional e simultaneamente para as entidades com as quais contactei.

O aspeto mais positivo e gratificante do estágio curricular que realizei consistiu neste contacto com outros profissionais. Deste modo, pude verificar que o trabalho de Consultoria e Revisão Linguística se enquadra e é necessário em qualquer área profissional.

### 3. Organização dos textos revistos

O estágio que realizei desenvolveu-se em três áreas de competência: (1) Consultoria e Revisão Linguística, (2) Edição de Texto e (3) Tradução (Português/Francês).

Lidei com documentos de contextos de produção muito diversificados, os quais organizo em dois planos de análise textual: 1. atividade – Jurídica; *Marketing* e Publicidade e Gestão de Recursos Humanos e 2. gênero textual – Contratos (textos normativos); Regulamentos e Fichas de Inscrição; Estudos de Mercado; Fichas Técnicas de Produtos; Manual de Acolhimento e *Site* da Empresa.

Os gêneros textuais agrupam-se em cada uma das três atividades referidas, pela natureza específica dos textos. Da atividade jurídica fazem parte os contratos; da atividade *Marketing* e Publicidade os estudos de mercado, as fichas técnicas dos produtos e o *site* da empresa; e da atividade Gestão de Recursos Humanos os regulamentos e fichas de inscrição e o Manual de Acolhimento.

Os documentos apresentaram-se em suporte papel e (sobretudo) digital. Em suporte digital trabalhei com textos nos formatos *Microsoft Word*, *Microsoft Excel* e *PowerPoint* e com textos de Servidores *Web*.

<b>DOCUMENTOS – <i>Corpus</i> Textual de Análise Linguística</b>			
<b>Gênero de Texto</b>	<b>Descrição</b>	<b>Trabalho Realizado</b>	<b>Formato</b>
Contratos – HMR (textos normativos)	Compromisso entre o cliente e a HMR para com os produtos – estudos de mercado – HMR.	• Revisão Linguística	<i>Microsoft Word</i>
Estudo L’Oréal – HMR	Apresentação de uma nova gama de produtos da L’Oréal.	• Revisão Linguística • Edição de Texto • Tradução (Português/Francês)	<i>PowerPoint</i> <i>Microsoft Excel</i> (gráficos e tabelas)
Fichas Técnicas – HMR	Apresentação das ofertas de produtos disponibilizados pela HMR.	• Revisão Linguística	<i>Microsoft Word</i> <i>PowerPoint</i>
Manual de Acolhimento da HMR	Ferramenta que permite a cada novo colaborador o seu processo de integração na empresa.	• Edição de Texto	<i>PowerPoint</i>
<i>Site</i> da HMR	Em construção	• Revisão Linguística	Servidor <i>Web</i>
CEDIME: Regulamento, <i>Templates</i> e Fichas de Inscrição	Regulamento de codificação de produtos de farmácia. Anexos com Fichas de Inscrição e Declarações.	• Revisão Linguística	<i>Microsoft Word</i>

#### 4. Objetivos e metodologias de análise textual do *corpus*

Este relatório destina-se a tratar casos suscetíveis de uma análise no âmbito da Consultoria e Revisão Linguística, a partir de exemplos retirados do *corpus* textual que revi.

Os textos revistos apresentavam inúmeros problemas linguísticos, os quais serão aqui identificados e sistematizados. Esta análise linguística será fundamentada com a consulta de instrumentos de normalização (gramáticas e dicionários) e instrumentos de divulgação linguística (prontuários ortográficos), apresentando descrições, explicações e exemplos selecionados pelos autores.

O relatório divide-se em quatro capítulos, em função das áreas em que foi necessário intervir: I – Ortografia; II – Pontuação; III – Sintaxe; IV – Redundâncias e Outros Problemas.

Apresento um cronograma (em Anexo) de todas as atividades desenvolvidas ao longo do estágio que realizei, com os respetivos períodos de execução.

Em seguida, farei algumas considerações importantes para a compreensão do relatório e que justificam a minha perspetiva de análise do *corpus* que revi.

Apresento, como exemplos, excertos dos textos de cada uma das entidades – HMR e CEDIME –, devidamente identificados, e em duas versões: (1) versão sem revisão linguística e (2) versão com revisão linguística. Nesses exemplos, destaco a *negrito*, tanto os problemas de revisão, como as respetivas propostas de revisão. Assinalo também, entre parêntesis retos, outras intervenções minhas na revisão linguística do *corpus*.

Todas as minhas propostas de revisão dos textos que pertencem à HMR encontram-se conforme o Novo Acordo Ortográfico. O CEDIME optou por não aderir ao Novo Acordo em alguns documentos, nomeadamente aqueles que revi.

Com o intuito de preservar os parceiros envolvidos em relações de trabalho com a HMR e com o CEDIME, qualquer informação que possa ser considerada como confidencial foi estrategicamente retirada das citações dos textos que apresento neste relatório. Os documentos objeto de revisão linguística e de edição de texto não poderão constar em anexos do relatório, tendo em conta os mesmos critérios éticos de confidencialidade da informação que pertence às entidades – HMR e CEDIME. De qualquer modo, creio que a seleção dos exemplos apresentados neste relatório é significativa e constitui, por si só, um elemento representativo da análise linguística do *corpus* de uma forma exaustiva e pormenorizada, tipificada e devidamente fundamentada com base em critérios de normalização linguística.

# I

## ORTOGRAFIA

Identifiquei no *corpus* que revi a ocorrência de inúmeros problemas relacionados em termos latos com a ortografia: acentuação; uso do hífen; uso do itálico em estrangeirismos; uso da barra; erros tipográficos. Neste capítulo apresento alguns exemplos retirados do *corpus*, aos quais se segue uma análise dos problemas de revisão linguística, análise essa que procurei sempre fundamentar do modo mais completo possível.

### 1. ACENTUAÇÃO

#### 1.1

Verifiquei no *corpus* em análise a ausência recorrente de acento gráfico (´) em palavras que, de acordo com a norma, são obrigatoriamente acentuadas, tais como: *diagnóstico*; *dígito*; *específico*; *litígio*; *número*; *parágrafo*; *prática* e *rótulo* no *corpus* ocorrendo como *diagnostico*; *digito*; *especifico*; *numero*; *paragrafo*; *pratica* e *rotulo*. Nestes casos, a falta de acento gráfico ocorre em palavras esdrúxulas (nomes ou adjetivos) que são homógrafas de formas verbais não acentuadas graficamente (palavras graves).

#### 1.2

Registei pontualmente casos de acentuação de advérbios terminados em *-mente*, como *\*automaticamente*. Apesar de a palavra *automático* ser esdrúxula, *automaticamente* é grave, sendo a sílaba tónica *men*, logo, não se coloca acento gráfico (´). Neste caso, o uso inadequado da acentuação ocorre em advérbios derivados de adjetivos graficamente acentuados. Estes casos são frequentes nos advérbios de modo, em que a junção de *-mente* não apaga completamente o acento da palavra base, ou seja, na palavra *automaticamente* coexistem dois acentos: o principal incide sobre *men* e o secundário em *ma*. Esta excecionalidade em termos de acentuação poderá explicar a utilização gráfica do acento em alguns advérbios.

#### 1.3

Foram assinaladas várias ocorrências de acentuação gráfica de *inclusive*: *inclusive* – e não, *inclusivé*. Como se sabe, a palavra *inclusive* não se acentua graficamente. Na verdade, trata-se de um latinismo, cuja pronúncia induz em erro alguns falantes.

## 2. USO DO HÍFEN (-)

### 2.1 Em palavras compostas e prefixadas

Verifiquei a utilização indevida do hífen entre elementos de palavras compostas e prefixadas, tais como aquelas em que ocorrem: *geo-*, *multi-*, *socio-*, *sub-*. Dou como exemplos as seguintes palavras, recolhidas nos textos revistos: *\*geo-referenciação* (georreferenciação); *\*multi-mercado* (multimercado); *\*socio-demográfico* (sociodemográfico) e *\*sub-segmento* (subsegmento). Na anterior ortografia alguns vocábulos com *geo-*, *sub-* e *supra-* eram grafados com hífen, conforme por exemplo: *geo-redundância*, *sub-rogação* e *supra-segmental*. Deste modo, ocorre o uso generalizado do hífen em palavras compostas e prefixadas, como as acima referidas, com base no Acordo Ortográfico de 1945 e no Acordo Ortográfico de 1990.

### 2.2 Em estrangeirismos

A par dos processos de formação de palavras e de outros processos de criatividade lexical, a adoção de palavras com origem em outros sistemas linguísticos contribuiu significativamente para o alargamento do léxico do Português. De entre os estrangeirismos, verifiquei que os mais comuns nos textos que revi são os anglicismos que se inserem no âmbito do *Marketing* e da Informática. Observei alguma oscilação na grafia de determinados empréstimos, ora grafados com hífen, ora sem hífen; como: *email/e-mail*, *offline/off-line* e *online/on-line*. A minha prioridade foi optar por uma das grafias, sistematizando a ocorrência destes termos nos textos. Contudo, a tentativa de encontrar critérios que fundamentassem a minha opção de revisão constituiu uma preocupação, ao verificar que a falta de uniformização dos termos não se limitava ao universo dos textos revistos; mostra-se sistemática na imprensa, na *web*, e até mesmo nos dicionários e prouários ortográficos, não havendo unanimidade quanto à grafia de exemplos deste tipo.

Em Bergström & Reis (2011<sup>50</sup>) ambas as formas são consideradas corretas – *offline/off-line* e *online/on-line*. No *Dicionário Houaiss* (2011) e no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001) os termos dão entrada com hífen. A minha opção de revisão, neste contexto, suportou-se nestes dois últimos instrumentos de normalização linguística.

## 3. USO DE ITÁLICO EM ESTRANGEIROSISMOS

Os instrumentos habitualmente utilizados não revelam entre si uma discrepância tão evidente relativamente aos termos *email/e-mail*, dando preferência à grafia com hífen. Unânimes são, porém, na obrigatoriedade de assinalar estes termos com itálico, por se tratar de palavras

estrangeiras (empréstimos não nativizados) em Português Europeu. Deste modo, optei por colocar em itálico todas as ocorrências de estrangeirismos nos textos que revi, tais como: *dashboard, e-mail, feedback, hardware, link, off-line, on-line, performance, ranking, sell-in, sell-out, site, software, standard, stock, timing e web.*

#### 4. USO DA BARRA (/)

A barra (/) usa-se normalmente como substituto de uma palavra (*ou*) para indicar alternativa entre as conjunções *e* e *ou*. Estando a barra ausente entre as conjunções *e* e *ou* em alguns textos que revi, conforme o texto seguinte exemplifica, a minha intervenção foi no sentido de colocar a barra (/) na interligação em *e/ou*:

- (1) \*«Com a finalidade de, exclusiva ou principalmente, limpar, perfumar, modificar o seu aspecto **e ou** proteger ou os manter em bom estado **e ou** de corrigir os odores corporais.» (CEDIME, Regulamento)
- (1') «Com a finalidade de, exclusiva ou principalmente, limpar, perfumar, modificar o seu aspecto **e/ou** proteger, ou [de] os manter em bom estado **e/ou** de corrigir os odores corporais.»

#### 5. ERROS TIPOGRÁFICOS

N.º	Identificação do Problema		Revisão	
	Texto	Descrição	Texto	Descrição
1	LETRA(	Letra seguida de parêntesis aberto	LETRA (	Letra seguida de espaço e depois de parêntesis aberto
2	)LETRA	Parêntesis fechado seguido de letra	)LETRA	Parêntesis fechado seguido de espaço e depois de letra
3	ESPAÇO,	Espaço seguido de vírgula	,	Vírgula
4	ESPAÇO;	Espaço seguido de ponto e vírgula	;	Ponto e vírgula
5	ESPAÇO.	Espaço seguido de ponto final	.	Ponto final
6	.LETRA	Ponto final seguido de letra	.LETRA	Ponto final seguido de espaço e depois de letra
7	ESPAÇO:	Espaço seguido de dois pontos	:	Dois pontos
8	ESPAÇO ESPAÇO	Espaço duplo	ESPAÇO	Um espaço
9	SEM ESPAÇO	Ausência de espaço	ESPAÇO	Espaço

O *Dicionário Houaiss* (2011) regista para a entrada de «ortografia» várias aceções, das quais cito a primeira por ser relevante neste contexto: “[...] conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tónicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc. 1.1 o estudo dessas regras [...]”.

No Português não há uma relação biunívoca entre som e grafema, pois um mesmo som pode ser representado por diferentes grafemas e inversamente. Apesar de tudo, se na língua a grafia fosse o registo escrito do discurso oral, este processo também não seria simples, tendo em consideração a variabilidade de pronúncias. Deste modo, não é possível, através de uma ortografia, transcrever fielmente a linguagem oral. A ortografia submete-se a princípios e convenções de normalização linguística que em muitos casos não encontram paralelo na oralidade.

## II PONTUAÇÃO

Os textos revistos evidenciam inúmeros problemas de pontuação que a norma não permite, maioritariamente no emprego da *vírgula*, que ocorre em vários contextos quer por excesso, quer por defeito.

Na análise linguística a seguir apresentada, e para justificar as minhas opções de revisão linguística dos problemas identificados nos textos revistos, consultei dois instrumentos de normalização linguística: duas gramáticas normativas – Cunha & Cintra (1984) e Bechara (1999<sup>37</sup>) –, por apresentarem um capítulo detalhado e elucidativo sobre Pontuação; e um instrumento de divulgação linguística: o prontuário ortográfico de Bergström & Reis (2011<sup>50</sup>).

Segundo Cunha & Cintra (1984), a linguagem escrita não dispõe da variedade de recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Os *sinais de pontuação* usam-se para colmatar essa carência, que os autores dividem em dois grupos: (1) os que marcam pausas, (2) os que marcam a melodia e a entonação. Ao grupo (1) pertencem a *vírgula*, o *ponto* e o *ponto e vírgula*; do grupo (2) fazem parte os restantes sinais de pontuação.

Bechara (1999<sup>37</sup>) refere que os *sinais de pontuação* garantem ao texto escrito a coerência sintático-semântica do discurso. No entanto, e na impossibilidade de prever todas as relações sintáticas e semânticas discursivas que confirmem a total integridade da comunicação que advém da pontuação, o autor detém-se na exposição desses critérios, enumerando as tradicionais regras de pontuação.

Muito embora a pontuação seja um subsistema de representação convencional no modo escrito de características prosódicas do modo oral, não existe uma relação biunívoca entre prosódia e pontuação. A variabilidade dos fenómenos linguísticos na oralidade nem sempre encontra uma correspondência direta na escrita. As regras para o uso da pontuação baseiam-se frequentemente em critérios de ordem sintática.

Dada a extensão do *corpus* que revi, selecionei um ou dois exemplos, de entre os muitos analisados, para representar os vários problemas de pontuação que identifiquei.

## 1. VÍRGULA (,)

### 1.1 Casos de emprego da *vírgula* por excesso:

Segundo Bergström & Reis (2011<sup>50</sup>: 46), “o sujeito nunca deve ser separado do predicado por uma vírgula [...]”.

- (2) \*«O presente Regulamento de Codificação de [...], estabelece as regras de atribuição, renovação e manutenção dos Códigos Nacionais de Produto dos produtos de saúde disponibilizados pelas Farmácias [...]» (CEDIME, Regulamento)
- (2') «O presente Regulamento de Codificação de [...] estabelece as regras de atribuição, renovação e manutenção dos Códigos Nacionais de Produto dos produtos de saúde disponibilizados pelas Farmácias [...]»

Neste caso, a *vírgula* foi eliminada entre o sujeito, *O presente Regulamento de Codificação de [...]*, e o predicado da oração, *estabelece (...)*. Do mesmo modo, no exemplo a seguir apresentado, suprimi a *vírgula* entre o sujeito, *este processo*, e o predicado, *implica (...)*.

- (3) \*«Este processo, implica também um envolvimento mais activo dos parceiros, nomeadamente ao nível da disponibilização de maior informação relativa aos produtos que comercializam.» (CEDIME, Regulamento)
- (3') «Este processo implica também um envolvimento mais activo dos parceiros, nomeadamente ao nível da disponibilização de [mais] informação relativa aos produtos que comercializam.»

Cunha & Cintra (1984: 661) esclarecem que “[...] quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parêntesis [...]”. Com a afirmação anterior justifico a não colocação de uma *vírgula* no exemplo seguinte, retirado do *corpus* de revisão:

- (4) \*«Este serviço tem por base o mercado total nacional, (não desce ao nível da região) com informação disponível por sub-segmento [...]» (HMR, Fichas Técnicas)
- (4') «Este serviço tem por base o mercado total nacional (não desce ao nível da região), com informação disponível por [subsegmento] [...]»

Bechara (*ibid.*), quando se refere ao emprego da *vírgula* para separar coordenadas, adverte que numa “[...] série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgula: Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [...]”.

- (5) \*«As alterações legislativas [...] e das regras de negócio [...], com implicações nos padrões de prescrição e no *modus operandi* das equipas de vendas, assim como o uso de novas tecnologias e um consumidor final mais informado e pró-activo, transformaram [...]» (HMR, Fichas Técnicas)
- (5') «As alterações legislativas [...] e das regras de negócio [...], com implicações nos padrões de prescrição e no *modus operandi* das equipas de vendas, assim como o uso de novas tecnologias e um consumidor final mais informado e [pró-ativo] transformaram [...].

## 1.2 Casos de emprego da *vírgula* por defeito:

Cunha & Cintra (1984: 643) indicam o emprego da *vírgula* em orações coordenadas ligadas pela conjunção *e*, quando apresentam sujeitos diferentes: “O sol já ia fraco, e a tarde era amena. (Graça Aranha [...])”.

A minha proposta de revisão obedece aos critérios de análise linguística dos autores citados, ao colocar uma *vírgula* a separar orações coordenadas – como no exemplo abaixo indicado, em que o sujeito da primeira oração é *A [...]* e o sujeito da segunda, estando omissa (nós), é diferente –, ligadas pela conjunção *e* antecedida de *vírgula*.

- (6) \*«A [...] terá acesso à estrutura geográfica da hmR e dispomos de meios para nos adaptar a qualquer pedido específico do cliente.» (HMR, Fichas Técnicas)
- (6') «A [...] terá acesso à estrutura geográfica da hmR, e dispomos de meios para nos adaptar a qualquer pedido específico do cliente.»

Em Cunha & Cintra (1984: 643), a conjunção adversativa “[...] *mas* emprega-se sempre no começo da oração [...]”, devendo-se colocar uma *vírgula* antes do *mas*: “— Vá aonde quiser, **mas** fique morando conosco.” (Machado de Assis)

- (7) \*«Neste caso, não existem dois grupos de selecção de produtos ou classes [...], como no tabulador [...] mas dois períodos de tempo.» (HMR, Fichas Técnicas)
- (7') «Neste caso, não existem dois grupos de [selecção] de produtos ou classes [...], como no tabulador [...], mas dois períodos de tempo.»

Os autores (*ibid.*) acrescentam que, entre orações, “[...] *porém, todavia, contudo, entretanto* e *no entanto* podem vir ora no início da oração, ora após um dos seus termos. [...] No segundo caso, vem ela [conjunção adversativa] isolada por vírgulas [...]”: “— Vá aonde quiser, fique, **porém**, morando conosco.”

- (8) \*«A oposição de códigos [...] nas embalagens pode ser efectuada de duas formas, apenas impresso ou em código de barras devendo no entanto ser feita menção ao respectivo código [...]». (CEDIME, Regulamento)
- (8') «A oposição de códigos [...] nas embalagens pode ser efectuada de duas formas, apenas impresso ou em código de barras devendo, no entanto, ser feita menção ao respectivo código [...]».

Bechara (1999<sup>37</sup>: 610), para isolar as orações intercaladas, refere-se ao uso da *vírgula* “para separar as partículas de explicação, correção, continuação, conclusão e concessão: Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta...”.

- (9) \*«[...] Convidamo-lo por isso regularmente a rever esta declaração.» (HMR, Site)
- (9') «[...] Convidamo-lo, por isso, a rever [regularmente] esta declaração.»
- (10) \*«As alterações de taxa de IVA podem ser eventualmente efectuadas apresentando para o efeito documentação de suporte relativa ao produto em causa.» (CEDIME, Regulamento)
- (10') «As alterações de taxa de IVA podem ser eventualmente efectuadas apresentando, para o efeito, documentação de suporte relativa ao produto em causa.»

Em Cunha & Cintra (1984: 644) a *vírgula* serve “para isolar as orações intercaladas:

Ele dava, dizia-se, tudo quanto tinha e recebia em casa os vagabundos. (Sophia de Mello Breyner Andresen [...])”.

- (11) \*«Neste contexto **e dado que o produto regista vendas recentes e de forma a assegurar o normal escoamento de stock ainda disponível para venda**, não procedemos à anulação do código [...]» (HMR, Fichas Técnicas)
- (11') «Neste contexto, **e dado que o produto regista vendas recentes e de forma a assegurar o normal escoamento de [stock] ainda disponível para venda**, não procedemos à anulação do código [...]»

Segundo Cunha & Cintra (1984: 641), a *vírgula* emprega-se “para separar elementos que exercem funções sintácticas diversas, geralmente com a função de realçá-los.” No exemplo seguinte, retirado do *corpus* de análise, a frase intercala um modificador que, conforme a norma, deverá ser isolado por *vírgulas*.

- (12) \*«A disponibilização da informação ao Cliente **nos termos do parágrafo anterior** será efectuada numa base semestral [...]» (HMR, Contratos)
- (12') «A disponibilização da informação ao Cliente, **nos termos do parágrafo anterior**, será [efetuada] numa base semestral [...]»

## 2. PONTO (.)

Em Bergström & Reis (2011<sup>50</sup>: 45) refere-se o emprego do *ponto* “[...] em final de período, quer seja simples (formado por uma só oração), quer seja composto (formado por mais de uma oração).”

A opção de usar o *ponto* para substituir a vírgula do texto original (sem revisão), conforme se apresenta no próximo exemplo, assinala a separação da mesma ideia dentro de um período composto, que, na minha opinião, se torna demasiado longo e, sobretudo, porque a segunda oração é uma conclusão da primeira.

- (13) «A atribuição de códigos [...] é apenas efectuada a produtos vendáveis em farmácia, sendo [...] associado a um produto em específico, informamos que a atribuição do referido código a expositores não é passível de ser efectuada.» (CEDIME, Regulamento)
- (13’) «A atribuição de códigos [...] é apenas efectuada a produtos vendáveis em farmácia, sendo [...] associado a um produto em [específico]. **Deste modo**, informamos que a atribuição do referido código a expositores não é passível de ser efectuada.»

Os instrumentos de normalização e divulgação linguística consultados incluem, como observação, outros usos do *ponto* cumulativamente com a função de sinal de pontuação. O *ponto* assinala formas abreviadas.

Uma referência a este aspeto mostra-se aqui necessária ao ter observado constantemente nos documentos a omissão do *ponto* em abreviaturas, como: etc, ex, n.º, vs e em numerais ordinais. Pude concluir que só se empregou o *ponto* em algumas destas abreviaturas quando as mesmas ocorrem em final de frase, tendo o *ponto* da abreviatura sido assumido apenas como *ponto final*.

## 3. PONTO E VÍRGULA (;)

Os instrumentos de normalização e divulgação linguística consultados referem a utilização do *ponto e vírgula* para separar os diversos itens enumerativos em textos de carácter legislativo ou didático (em leis, decretos, estatutos, portarias, regulamentos, etc.). No exemplo que se segue coloquei o *ponto e vírgula* a separar os itens enumerativos apresentados.

- (14) «A criação de regiões [...] obedeceu ao seguinte conjunto de critérios:
- 1 – Divisão Administrativa do território  
Distrito → Concelho → Freguesia;
  - 2 – [...] de todas as farmácias à rua e [n.º] de porta;
  - 3 – Mínimo de [...] farmácias por região;
  - 4 – Mínimo de [...] de cobertura por região (em valor de reembolso);

- 5 – Localização das entidades do SNS (Hospitais e Centros de Saúde);
- 6 – Distribuição das farmácias na rede viária (avenidas, [autoestradas], [etc.]).»  
(HMR, Fichas Técnicas)

#### 4. TRAVESSÃO (–)

Bechara (1999<sup>37</sup>), Cunha & Cintra (1984) e Bergström & Reis (2011<sup>50</sup>) partilham da opinião de que o *travessão* pode substituir a vírgula e o parêntesis, para assinalar uma oração intercalada (*travessão simples* – no final da oração; *travessão duplo* – entre duas orações).

- (15) «A partir da ficha técnica de cada ACES, **que evidenciará não só os valores absolutos das variáveis consideradas, mas também o ranking do ACES para cada variável dentro do Universo**, será apurado um [...] para cada um dos ACES, que resultará da ponderação das variáveis consideradas como relevantes pelo cliente.» (HMR, *Site*)
- (15') «A partir da ficha técnica de cada ACES – **que evidenciará não só os valores absolutos das variáveis consideradas, mas também o [ranking] do ACES para cada variável dentro do Universo** –, será apurado um [...] para cada um dos ACES, que resultará da ponderação das variáveis consideradas como relevantes pelo cliente.»

Os autores advertem para o emprego do *travessão*, e não do *hífen*, no encadeamento de palavras ou grupos de palavras. Encontrei recorrentemente situações de uso indevido do *hífen*, em vez do *travessão*, do tipo: «HMR - Health Market Research» e «Folheto que acompanha o produto - Informação ao consumidor - em língua portuguesa [...]».

Verifica-se que nos programas informáticos e de edição de texto a inserção do *travessão* nos textos se faz a partir de teclas de atalho do teclado (ALT+CTRL+SINAL DE MENOS), e, por isso, o utilizador socorre-se frequentemente do *hífen*, em lugar do *travessão*.

Uma vez que a prosódia, na oralidade, estabelece interligações com os componentes sintáticos e semânticos da gramática, na escrita, os *sinais de pontuação* procuram estabelecer uma relação estreita com a representação das especificidades sintático-semânticas dos enunciados.

Não havendo uma relação biunívoca entre prosódia e pontuação, a oralidade nem sempre encontra uma correspondência direta na escrita. O uso ou não de determinados *sinais de pontuação* em posições sintáticas específicas pode comprometer a gramaticalidade dos enunciados e alterar o seu significado.

### III

## SINTAXE

A Sintaxe dedica-se ao estudo das relações que as palavras mantêm entre si nas frases e das frases no discurso. Os géneros discursivos nascem desse processo de inter-relação de palavras e frases. O domínio da Sintaxe é, portanto, essencial na análise e revisão linguística, em função das múltiplas possibilidades e dos contextos de articulação de palavras e frases num texto.

Identifiquei no *corpus* que revi a ocorrência de inúmeros problemas sintáticos, que a norma não permite – concordância; ordem de palavras; regência e contrações –, tendo feito uma análise e revisão linguística fundamentada nos instrumentos de normalização e divulgação linguística.

### 1. CONCORDÂNCIA

#### 1.1 Entre o sujeito e o verbo

Verifiquei que ocorrem com muita frequência problemas de concordância nos textos que revi, possivelmente pela dificuldade do redator em identificar os elementos com os quais o verbo concorda. Na flexão verbal esta situação surge tanto em número como em género.

No exemplo que se segue, retirado do *corpus* de análise, constatamos que o verbo depende de um sujeito composto constituído por *renovação anual* e *manutenção*, devendo concordar em número (plural) com o sujeito constituído por dois elementos, como podemos aferir em Bergström & Reis (2011<sup>50</sup>).

(16) \*«A renovação anual dos Códigos Nacionais de Produto e a sua manutenção **depende** do pagamento de um valor por cada Código atribuído [...]». (CEDIME, Regulamento)

(16') «A renovação anual dos Códigos Nacionais de Produto e a sua manutenção **dependem** do pagamento de um valor por cada Código atribuído [...]»

Nos exemplos seguintes, observamos que, numa estrutura passiva, o particípio passado dos verbos *compor*, *solicitar* e *associar* não concordam em género com os sujeitos femininos (*selecção*, *alteração* e *taxa de IVA*), logo, a selecção de algo é *composta* por – e não, *composto* por; a alteração de algo é *solicitada* – e não, *solicitado*; e a taxa de IVA está *associada* – e não, *associado* a um produto.

(17) \*«A selecção de informação é efectuada por Classe [...], sendo **composto** por 3 tipos distintos de relatórios standard». (HMR, Fichas Técnicas)

- (17') «A [seleção] de informação é [efetuada] por Classe [...], sendo **composta** por 3 tipos distintos de relatórios [*standard*].»
- (18) \*«Quando é **solicitado** alteração da taxa de IVA **associado** a um produto.» (CEDIME, Regulamento)
- (18') «Quando é **solicitada** alteração da taxa de IVA **associada** a um produto.»

## 1.2 Entre o nome e o adjetivo

- (19) \*«A [...] enviará às Entidades Regulamentadoras informação relativa aos produtos de saúde **codificadas** [...].» (CEDIME, Regulamento)
- (19') «A [...] enviará às Entidades [Reguladoras] informação relativa aos produtos de saúde **codificados** [...].»

A área da concordância torna-se particularmente complexa no que respeita à identificação da relação entre o nome e o adjetivo da frase em casos idênticos ao apresentado em (19). Observamos que há ambiguidade na identificação do nome com o qual deverá concordar o adjetivo *codificad(os/as)*.

Esta frase serve de exemplo para uma observação importante quanto à necessidade generalizada de que se estabeleça uma interação entre o revisor linguístico e o especialista e/ou autor do texto, para que a revisão do texto seja inteligível e de conteúdo fidedigno. Neste caso, sem um esclarecimento prévio, o leitor interrogar-se-á se *codificad(os/as)* deverá concordar com *Entidades [Reguladoras]*, se com *produtos*. Ao concordar com *Entidades [Reguladoras]*, a palavra *codificadas* dever-se-ia colocar a seguir a esse sintagma, mas ao posicionar-se após *produtos* causa ambiguidade. Depois de ter confirmado que *codificad(os/as)* se referia aos *produtos (codificados)*, procedi à respetiva revisão linguística deste problema de concordância entre o nome e o adjetivo.

- (20) \*«Este serviço consiste num conjunto de relatórios/dashboards com informação multi-mercado **relativo a** todos os sub-segmentos do Mercado [...].» (HMR, Fichas Técnicas)
- (20') «Este serviço consiste num conjunto de relatórios/[dashboards] com informação [multimercado] **relativa [ou referente, como alternativa proposta] a** todos os [subsegmentos] do Mercado [...].»

Na frase acima apresentada, a expressão *relativo a* passou a concordar em género com o nome *informação*.

## 2. ORDEM DE PALAVRAS

De um ponto de vista normativo, no *corpus* que revi verifiquei a ocorrência de alguns problemas relacionados com a ordem de palavras, sobretudo os que se prendem com o uso de adjetivos, advérbios e locuções adverbiais. A seguir, apresento alguns desses casos de desvios à norma com as respetivas propostas de revisão fundamentadas na análise dos instrumentos.

### 1.

Em Bergström & Reis (2011<sup>50</sup>: 102), “o adjetivo coloca-se geralmente à direita do substantivo, restringindo-lhe o sentido [...]”. No caso seguinte, embora não haja ambiguidade sintática, o adjetivo colocado à direita do nome surge como sendo preferível.

(21) «[...] em unidades confirma-se a contracção do mercado dos medicamentos, excepto no segmento de [...], devido a uma **significativa queda** no preço médio de venda [...]». (HMR, *Site*)

(21’) «[...] em unidades confirma-se a [contração] do mercado dos medicamentos, [exceto] no segmento de [...], devido a uma **queda significativa** no preço médio de venda [...]».

### 2.

A ordem a que o advérbio *regularmente* ocorre no próximo exemplo, pode ser interpretado como modificador adverbial do verbo *convidar*, quando se subentende a intenção de que este advérbio deveria funcionar como modificador do verbo *rever*. O convite é para que seja revista, regularmente, a declaração em causa.

(22) «[...] Convidamo-lo por isso **regularmente** a rever esta declaração.» (HMR, *Site*)

Neste caso, para corrigir a leitura da frase procedi à seguinte alteração:

(22’) «[...] Convidamo-lo[, por isso,] a rever **regularmente** esta declaração.»

Do mesmo modo, a ocorrência do advérbio *totalmente* enquanto modificador do verbo *estar* clarifica o enunciado, veja-se (23’).

(23) «A Página [...] pode conter referências a certos produtos e serviços específicos [...] que poderão não estar disponíveis (**totalmente**) nalguns países.» (HMR, *Site*)

(23’) «A Página [...] pode conter referências a certos produtos e serviços específicos [...] que poderão não estar (**totalmente**) disponíveis [em alguns] países.»

No próximo exemplo, a locução adverbial de modo *em geral* – colocada a seguir ao nome *nutrientes* – altera o teor do enunciado. A frase (24), e ao contrário do que se pretende, generaliza

os “nutrientes” que não constituem uma fonte suficiente de um regime alimentar equilibrado e variado. Neste caso, a locução adverbial *em geral* funciona como modificador do verbo *constituir*, e, por isso, a sequência fica mais clara se a locução ocorrer a seguir ao verbo. Desta análise linguística resulta a seguinte revisão:

- (24) «[...] Declarem expressa ou implicitamente que um regime alimentar equilibrado e variado não constitui uma fonte suficiente de nutrientes **em geral**.» (CEDIME, Regulamento)
- (24’) «[...] Declarem expressa ou implicitamente que um regime alimentar equilibrado e variado não constitui, **em geral**, uma fonte suficiente de nutrientes.»

### 3. REGÊNCIA

Erros ao nível da regência ou o uso indevido de preposições, conjunções e artigos, simultaneamente com a pontuação e a concordância, revelaram-se de tal forma problemáticos que constituem os domínios da revisão linguística nos quais mais intervim. Os problemas assinalados foram os seguintes:

#### 3.1 Com o verbo *informar*

O verbo *informar*, que ocorre no texto seguinte, é cada vez mais utilizado sem preposição no seu argumento oracional.

- (25) \*«[...] No seguimento do Vosso contacto telefónico, que desde já agradecemos, vimos **informar-vos que** a [...], desde 1988, e no âmbito do desenvolvimento da actividade de apoio às Farmácias, tem procedido à atribuição e gestão de códigos nacionais de produtos, apoiando a comercialização nas Farmácias de produtos de saúde que não sejam medicamentos.» (CEDIME, Regulamento)
- (25’) «[...] No seguimento do Vosso contacto telefónico, que desde já agradecemos, vimos **informar-vos de que** a [...], desde 1988, e no âmbito do desenvolvimento da actividade de apoio às Farmácias, tem procedido à atribuição e gestão de códigos nacionais de produtos, apoiando a comercialização nas Farmácias de produtos de saúde que não sejam medicamentos.»

Segundo Peres & Mória (1996: 119-120), “[...] o verbo *informar* é combinado com três argumentos não preposicionados, dois nominais e um terceiro oracional. Como podemos verificar através da substituição do argumento oracional, o terceiro argumento deste verbo é, em princípio, preposicionado.” Os autores apresentam os seguintes exemplos:

- A CP informou os utentes de que os horários iriam ser alterados.  
A CP informou os utentes desse facto.  
\*A CP informou os utentes esse facto.

Relativamente ao primeiro exemplo acima mencionado, Peres & Mória (*ibid.*) constataam que, não podendo o argumento oracional ser complemento direto, se justifica o emprego da preposição *de*. Passo a citar outro exemplo apresentado pelos autores, para reforçar a minha proposta de revisão em (25’): \*«Fontes fidedignas e bem informadas do PCUS» informaram a cadeia televisiva norte-americana, CNN, que Gorbachev ia deixar a liderança do partido para se concentrar apenas na chefia do Estado.” Os autores propõem a seguinte revisão: “«Fontes fidedignas e bem informadas do PCUS» informaram a cadeia televisiva norte-americana, CNN, de que Gorbachev ia deixar a liderança do partido para se concentrar apenas na chefia do Estado.”

### 3.2 Com *menção* – derivado de *mencionar*

(26) \*«Menção **em como** o produto deverá ser consumido sob supervisão médica». (CEDIME, Regulamento)

(26’) «Menção **de que** o produto deverá ser consumido sob supervisão médica».

No *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses* (1994) a seleção sintática do verbo *mencionar* é expressa a partir de exemplos, dos quais cito: “*O ministro mencionou que não cederia a pressões.*” Os autores remetem o verbo *mencionar* para o verbo *dizer* (sinónimo): “*Dizem que, diz-se que [...]*”. No *Dicionário Houaiss* (2011) o verbo *mencionar* significa “ [...] fazer menção de (alguém ou algo) [...]”, logo, permite concluir que o verbo rege a preposição *de*, e não a preposição *em*. Esta regra aplica-se quando o nome é seguido de um complemento frásico.

### 3.3 Com o verbo *relacionar*

No *Dicionário de Verbos* (2011: 753) podemos verificar que o verbo *relacionar* rege a preposição *com*. Deste modo, o tipo de construção seguinte, na qual o verbo *relacionar* aparece seguido de *que*, não é aceitável. Tratando-se da estrutura típica de uma enumerativa explicativa, tive a preocupação de não comprometer a ligação entre os vários elementos que a compõem.

(27) \*«Não se considere como informação confidencial a informação relacionada **que**:

(a) Seja pública [...]

(b) Seja divulgada [...]

(27’) «Não se considere como informação confidencial a informação relacionada **com aquela que**:

(a) Seja pública [...]

(b) Seja divulgada [...]

### 3.4 Em frases relativas

Peres & Mória (1996: 291) abordam casos nos quais se verifica a supressão de preposições de constituintes relativos. Os autores referem “[...] que um pronome relativo pode ser associado a um constituinte preposicionado, caso em que, em geral, a preposição acompanha o pronome no movimento relativo [...]”, apresentando o seguinte exemplo: “O prédio [em que o Paulo vive] está a ser reconstruído.”

Em conformidade com a análise linguística dos autores citados, apresento a frase que se segue – exemplificativa de omissão da preposição em frases relativas, cujo antecedente torna obrigatório o uso da preposição antes do pronome –, à qual se segue uma proposta de revisão.

(28) \*«A actualização é mensal [...], excepto nos casos **que** a Companhia peça um acesso [...] a um período específico, sem actualização de dados.» (HMR, Fichas Técnicas)

(28’) «A [atualização] é mensal [...], [exceto] nos casos **em que** a Companhia peça um acesso [...] a um período específico, sem [atualização] de dados.»

O mesmo tipo de problemas reflete-se no uso incorreto do pronome relativo *onde*.

Peres & Mória (1996: 306) referem casos de inadequação no uso do pronome relativo *onde*, dos quais cito a frase seguinte, na qual *onde* não tem função de locativo: \*“O negócio onde a Catarina está envolvida é muito lucrativo.” Os autores apresentam como proposta de revisão: “O negócio em que a Catarina está envolvida é muito lucrativo.”

(29) \*«O requerimento deverá ser acompanhado de [...]: [...] Documentação prevista no anexo II ao presente regulamento, **onde** o âmbito do produto a codificar se enquadra [...].» (CEDIME, Regulamento)

(29’) «O requerimento deverá ser acompanhado de [...]: [...] Documentação prevista no anexo II ao presente regulamento, **no qual** o âmbito do produto a codificar se enquadra [...].»

Procedi à respetiva correção, pois, nesta frase, tal como no exemplo de Peres & Mória, o advérbio *onde* não tem valor locativo.

### 3.5 Em estruturas coordenadas

Outro dos problemas recorrentes no *corpus* de revisão diz respeito à omissão de preposições e/ou artigos em estruturas de coordenação. Passo a citar dois exemplos representativos deste tipo de ocorrências, nos quais introduzi (a *negrito*) as preposições, conjunções e/ou artigos omissos nos textos originais:

- (30) «Qualquer produto veterinário homeopático destinado a ser aplicado aos animais no tratamento ou **na** prevenção das doenças e dos seus sintomas [...]». (CEDIME, Regulamento)
- (31) «[...] Instruções para a preparação, **o** armazenamento e **a** eliminação adequados do produto, e uma advertência para os riscos de saúde decorrentes de uma preparação e **de** um armazenamento inadequados.» (CEDIME, Regulamento)

#### 4. CONTRAÇÕES

De acordo com Cunha & Cintra (1984: 211), e a partir da citação apresentada como exemplo pelos autores – “A circunstância **de as** vítimas juntarem a família prestava-se a uma reunião anual na Junceda. (Miguel Torga)” –, a norma nem sempre é seguida pelos escritores mais consagrados. Chamando a atenção para esta situação, os autores referem que “quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, é aconselhável que os dois elementos fiquem separados, embora não faltem exemplos da sua aglutinação na prática dos melhores escritores”.

Peres & Mória (1996: 222) sublinham a mesma ideia, referindo que não ocorre contração quando a preposição *de* precede uma oração complemento e o artigo (ou pronome) é ou faz parte de um sintagma nominal integrado nessa frase. Apresentam o seguinte exemplo: “Surpreendeu-me o facto *de o Paulo ter vindo visitar-me*.”

Por oposição, faz-se a contração quando “o artigo (ou pronome) faz parte de um sintagma nominal que não pertence a uma oração complemento, mas antes depende directamente da preposição, formando com ela um argumento ou um modificador”. (*ibid.*) Conforme o exemplo: “Conheço alguns amigos *do Paulo*.”

De acordo com a norma, procedi à revisão linguística dos exemplos seguintes, retirados do *corpus* de análise:

- (32) \*«A prestação dos serviços [...] prejudica a possibilidade **das** Partes acordarem a prestação de outros serviços [...]». (HMR, Contratos)
- (32’) «A prestação dos serviços [...] prejudica a possibilidade **de as** Partes acordarem a prestação de outros serviços [...]».
- (33) \*«Alertamos ainda para o facto **da** activação do respectivo CNP não ser imediata [...]». (CEDIME, *Templates* de Texto)
- (33’) «Alertamos ainda para o facto **de a** activação do respectivo CNP não ser imediata [...]».

Sugeri também propostas de revisão relativamente ao exemplo seguinte, no sentido de evitar a repetição da preposição *de* e dando cumprimento à mesma regra evidenciada nos dois exemplos acima apresentados na primeira proposta de revisão a seguir indicada.

- (34) \*«As notícias sobre a “suspensão de vendas a crédito” por parte das farmácias da Madeira, anunciadas [...] para o início do ano, levaram a uma autêntica corrida à receita [...], **numa tentativa dos madeirenses de ainda poderem ter acesso à comparticipação.**» (HMR, *Site*)

Neste caso, apresento duas propostas de revisão:

- a. «As notícias sobre a “suspensão de vendas a crédito” por parte das farmácias da Madeira, anunciadas [...] para o início do ano, levaram a uma autêntica corrida à receita [...], **numa tentativa de os madeirenses poderem ainda ter acesso à comparticipação.**»
- b. «As notícias sobre a “suspensão de vendas a crédito” por parte das farmácias da Madeira, anunciadas [...] para o início do ano, levaram a uma autêntica corrida à receita [...], **numa tentativa de permitir aos madeirenses o acesso à comparticipação.**»

Assinalam-se casos de contrações em que a norma não é tão clara em contrariar. Ainda assim, considero inadequado o uso de contrações do tipo *dum* e *nalguns*, expressas nos exemplos seguintes, uma vez que constituem marcas da oralidade e não deverão ser transpostas para a escrita em função do contexto do *corpus* em análise.

- (35) \*«A distribuição [...] obrigou à criação **dum** sistema de codificação, com uma numeração própria adaptada às necessidades.» (CEDIME, Regulamento)
- (35') «A distribuição [...] obrigou à criação **de um** sistema de codificação, com uma numeração própria adaptada às necessidades.»
- (36) \*«A Página [...] pode conter referências a certos produtos e serviços específicos do [...] que poderão não estar disponíveis [...] **nalguns** países [...]». (HMR, *Site*)
- (36') «A Página [...] pode conter referências a certos produtos e serviços específicos do [...] que poderão não estar disponíveis [...] **em alguns** países [...]».

Segundo Cunha & Cintra (1984: 8), “é justamente para chegarem a um conceito mais preciso de «correção» em cada idioma que os linguistas actuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitem a descrição minuciosa das suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita.” Seguidamente os autores consideram que sem investigações rigorosas e sem melhorarmos os métodos de descrição nunca conseguiremos determinar com precisão “o que, no domínio da língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correcto [...]”, opinião com a qual estou inteiramente de acordo.

## IV

### REDUNDÂNCIAS E OUTROS PROBLEMAS

Introduzo este capítulo com uma citação, mais uma vez, de Cunha & Cintra (1984: 613), na qual os autores advertem que “nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O empenho de mais expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.”

#### 1.

As frases (37) e (38) contêm pleonasmos, isto é, a repetição desnecessária de uma ideia, usando palavras diferentes. Em (37), ao se afirmar que o país atravessa uma determinada situação económica, significa que essa é a *atual* situação económica do país. Em (38), referem-se aos alimentos dietéticos \*“destinados [= *com fins*. Veja-se (38’)] a fins Medicinais Específicos”.

- (37) \*«**A actual situação económica que o País atravessa** estará a provocar transferência dos utentes para o SNS, onde o PVP médio é inferior [...] e a quota de mercado dos Genéricos comparticipados é bastante superior [...].» (HMR, *Site*)

Para evitar o pleonasmo, mantendo a mesma estrutura frásica, apresentei duas possíveis opções de revisão:

- a. «**A actual situação económica do país** estará a impulsionar a transferência dos utentes para o SNS, onde o PVP médio é inferior [...] e a quota de mercado dos Genéricos comparticipados é bastante superior [...].»
- b. «**A situação económica que o país atravessa** estará a impulsionar a transferência dos utentes para o SNS, onde o PVP médio é inferior [...] e a quota de mercado dos Genéricos comparticipados é bastante superior [...].»

- (38) \*«Pedido de atribuição de Código Nacional de Produto – Alimentos Dietéticos **destinados a fins** Medicinais Específicos.» (CEDIME, Regulamento)

- (38’) «Pedido de atribuição de Código Nacional de Produto – Alimentos Dietéticos **com fins** Medicinais Específicos.»

#### 2.

A revisão linguística da frase (39) tem como objetivo evitar a utilização repetitiva de palavras quer por aproximação fonética, quer morfológica conforme proponho em (39’).

- (39) «O portal [...] **assegura** que a sua informação está **segura** utilizando as mais avançadas técnicas de controlo [...].» (HMR, *Site*)

(39') «O portal [...] **garante a segurança** da sua informação, utilizando as mais avançadas técnicas de controlo [...].»

### 3.

A forma *maior* (superlativo relativo de *grande*) no contexto abaixo indicado não poderá ocorrer com o nome *informação*, tendo em conta que é feita referência não ao “tamanho”, mas sim à “quantidade”. O valor quantificado da informação, em função da tipologia do nome, não se expressa em termos de *maior* ou *menor*, mas sim de *mais* ou *menos*.

(40) \*«Este processo, implica [...] um envolvimento mais activo dos parceiros, nomeadamente ao nível da disponibilização de **maior informação** relativa aos produtos que comercializam.» (CEDIME, Regulamento)

Apresento a seguinte opção de revisão linguística:

(40') «Este processo implica [...] um envolvimento mais activo dos parceiros, nomeadamente ao nível da disponibilização de **mais informação** relativa aos produtos que comercializam.»

### 4.

Segundo Cunha & Cintra (1984: 287), “o pronome *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal [...]”, salvo em algumas regiões do Norte de Portugal. Os autores (*ibid.*) restringem a utilização do pronome *vós* a determinados “discursos enfáticos”; ao “tratamento de cerimónia em português antigo e clássico”; para “os católicos portugueses e brasileiros se dirigirem a Deus” e na “linguagem poética”.

Em função do contexto, considereei inadequado o uso de *vós* na seguinte afirmação, à qual se segue uma proposta de revisão linguística:

(41) «Agradecemos [...] **a identificação de referências que, porventura, já não comercializadas por vós** para que possamos promover a melhor gestão da informação [...].» (CEDIME, Regulamento)

(41') «Agradecemos [...] **a identificação de referências que, porventura, já não comercializem** para que possamos promover a melhor gestão da informação [...].»

### 5.

Na minha opinião, a utilização de expressões ambíguas, como: “na medida do possível”; “usar os seus melhores esforços” e “uma solução para remediar” compromete o carácter normativo deste género de texto – Contrato –, ao deixar margem para diferentes interpretações, entre as Partes envolvidas.

- (42) «Em qualquer caso, as Partes comprometem-se, na medida do possível, a usar os seus melhores esforços com vista a acordar e implementar uma solução para remediar ou mitigar os efeitos da referida ilegalidade ou inaplicabilidade.» (HMR, Contratos)

A frase anteriormente apresentada é um daqueles casos em que a função do Consultor e Revisor Linguístico nem sempre é a de apresentar uma solução, mas alertar para determinados aspetos linguísticos que deverão ser alvo de uma reflexão.

## 6.

- (43) «Q – **Também poderei** ter estruturas paralelas a nível de mercados nas bases de dados?» (HMR, Fichas Técnicas)

- (43') «Q – **Poderá o cliente** ter estruturas paralelas a nível de mercados nas bases de dados?»

Neste caso, o contexto justifica a opção de revisão proposta. Todas as questões expostas no questionário (HMR – Fichas Técnicas) ocorrem na terceira pessoa do singular, e não na primeira pessoa do singular.

De Cunha & Cintra (1984: 3) resulta uma “[...] concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente.” Os autores apontam três tipos de variações internas da língua: (1) Variações Diatópicas – em função do espaço geográfico “(falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais)”; (2) Variações Diastráticas – entre camadas socioculturais “[...] (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.)” e (3) Variações Diafásicas – “diferenças entre os tipos de modalidade expressiva [...] (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.)”. Desta análise, os autores acrescentam: “A partir da nova concepção da língua como diassistema, tornou-se possível o esclarecimento de numerosos casos de polimorfismo, de pluralidade de normas e de toda a inter-relação de factores geográficos, históricos, sociais, psicológicos que actuam no complexo operar de uma língua e orientam a sua deriva.”

Assumindo a posição de Cunha & Cintra (1984: 7), podemos concluir que “se uma língua pode abarcar vários sistemas, ou seja, as formas ideais de sua realização, a sua dinamicidade, o seu modo de fazer-se, pode também admitir várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico [...]”, pelo que, em determinadas circunstâncias, a escolha de uma possibilidade em detrimento de outra em nada implicará a violação da norma.

A variação de uma língua ocorre a vários níveis (fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc.) e, deste modo, o processo de revisão linguística dos textos deverá ter em conta a contextualização dos mesmos, sendo que a norma poderá sofrer variação no âmbito de uma mesma comunidade linguística.

## CONCLUSÃO

Com o presente Relatório pretendi demonstrar, numa abordagem teórico-prática global a partir do *corpus* textual que revi, a utilização indispensável dos diversos instrumentos de normalização e divulgação linguística no processo de revisão, tendo em conta os domínios da revisão textual que considere relevantes. Os instrumentos a que recorri não foram muitos, mas, como se sabe, eles não existem em número considerável, no que diz respeito ao português, o que, por vezes, dificulta bastante a tarefa do consultor e revisor linguístico.

De todos os domínios suscetíveis de uma análise linguística, o *corpus* exigiu uma maior intervenção na ortografia (acentuação, empréstimos, uso do itálico e erros tipográficos), pontuação (sobretudo no emprego da vírgula) e sintaxe (particularmente em casos de concordância e de regência).

O estágio deu-me a oportunidade de utilizar conceitos e práticas de consultoria e revisão linguística abordados nos seminários do Mestrado. Ao longo do meu estágio tive a preocupação de não limitar a minha intervenção à identificação de (in)adequações de aspetos linguísticos. Neste sentido, a análise e revisão linguística do *corpus* realizou-se em função da atividade, da temática, do género, dos destinatários e do contexto, quer no plano de produção, quer no plano de interpretação textual.

Um dos maiores e mais interessantes desafios do meu estágio resulta do confronto com a produção e circulação de uma multiplicidade de textos de inúmeros colaboradores, quer internos, quer externos ao Grupo ANF e de diversas áreas profissionais.

O avanço tecnológico da informática e da comunicação conduz à produção e utilização constantes de diversos géneros de textos de diferentes formatos e suportes informáticos que possibilitem a rápida circulação da informação e do conhecimento. Neste contexto, o consultor e revisor linguístico, num trabalho de equipa com o autor/especialista do texto, assume funções imprescindíveis no processo de sistematização dos dados e da informação, para que estes não bloqueiem o processo de comunicação. Poderão ser assim minimizadas quaisquer distorções e interferências que advenham do processo de (des)codificação dos enunciados, quer pelos seus autores, quer pelos seus destinatários. Os enunciados exigem a clareza da informação. Dados sem qualidade conduzem a informações e decisões da mesma natureza.

Neste sentido, considero que o estágio que realizei na HMR e no CEDIME foi uma mais-valia para o meu futuro profissional na área da Consultoria e Revisão Linguística, e creio que terá tido também alguma relevância para a empresa, uma vez que o meu trabalho não se limitou aos aspetos gráficos, fonéticos, morfológicos e sintático-semânticos. Com base em critérios normativos, procurei também resolver casos de ambiguidade textual, procedendo à contextualização e sistematização do *corpus* textual que resulta desta inter-relação múltipla de textos e autores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Academia das Ciências de Lisboa. (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Volumes I e II. Lisboa: Verbo.
- Azeredo, José Carlos. (2008). *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha.
- Bechara, Evanildo. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna (37.<sup>a</sup> edição).
- Bergström, Magnus & Neves Reis. (2001). *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Casa das Letras (50.<sup>a</sup> edição).
- Busse, Winfried (coord.). (1994). *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses*. Coimbra: Almedina.
- Cuesta, Pilar Vásquez & Maria Albertina Mendes da Luz. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70 – Coleção Lexis.
- Cunha, Celso & Lindley Cintra. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Ed. João Sá da Costa.
- Dicionário da Língua Portuguesa*. (2006). Porto: Porto Editora.
- Dicionário de Verbos Portugueses*. (2011). Porto: Porto Editora (2.<sup>a</sup> edição).
- Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia em Portugal. (2002). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 6 vol., Lisboa: Círculo de Leitores.
- Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia em Portugal. (2011). *Dicionário Houaiss do Português Atual*. 2 vol., Lisboa: Círculo dos Leitores.
- Mateus, Maria Helena, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Móia, Telmo. (2004). “Algumas áreas problemáticas para a normalização linguística – disparidades entre o uso e os instrumentos de normalização”. In Duarte, Inês & Isabel Leiria (eds.) *Actas do XX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL /Colibri, pp. 109-125.
- Peres, João Andrade & Telmo Móia. (1996). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho (2.<sup>a</sup> edição).

# **ANEXO**

## **Cronograma de Atividades do Estágio**